

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche

Adriana Delbó;
Juliana Mamede¹

RESUMO

Neste artigo, por meio de alguns aforismos da obra *A gaia ciência*, de Friedrich Nietzsche, analisamos como a crítica aos ideais pode ser válida para pensarmos as relações de gênero, especialmente no que diz respeito ao que é estipulado como “mulher”. Pretendemos explorar referências utilizadas pelo filósofo à mulher, ao feminino, ao artístico, ao masculino, às virtudes para as mulheres como carências dos homens. Conseqüentemente, buscaremos demonstrar que, da perspectiva de Nietzsche, tudo aquilo que foi determinado para as mulheres através da tradição, dos problemas a respeito da dicotomia entre homem e mulher e do ideal de mulher resulta de construções de valores efetuadas pela primazia masculina. Trata-se, portanto, de mais um olhar dirigido à obra de Nietzsche, que procura enxergar para além do aparente ataque do autor às mulheres e na direção do feminismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Nietzsche; Mulher; Feminino; Gênero; Virtudes.

¹ Juliana Mamede, bolsista PIVIC, Faculdade de Filosofia – FAFIL / UFG, programa PIVIC. (julianamamede@discente.ufg.br). Adriana Delbó, prof. Faculdade de Filosofia – FAFIL / UFG (delbo@ufg.br).

Interpretation of women in Friedrich Nietzsche's *The Gay Science*

ABSTRACT

In this article, we analyze, through a selection of aphorisms from Friedrich Nietzsche's work 'The Gay Science,' how criticism of ideals can be valuable in contemplating gender relations, particularly concerning the concept of 'woman.' We aim to explore references used by the philosopher regarding women, the feminine, the artistic, the masculine, and the virtues attributed to women as deficiencies in men. Consequently, we will seek to demonstrate that, from Nietzsche's perspective, everything traditionally prescribed for women, including the ideals of womanhood, stems from the construction of values perpetuated by male dominance. This offers an alternative interpretation of Nietzsche's work that goes beyond the apparent criticism of women and aligns with contemporary feminism.

KEYWORDS

Nietzsche; Woman; Feminine; Gender; Virtues.

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

A discussão a respeito dos estudos de gênero vem compondo cada vez mais as pesquisas acadêmicas na filosofia. Apesar de não ser um consenso a contribuição de Nietzsche para esse campo de investigação filosófica, acreditamos que seu procedimento genealógico e sua crítica aos ideais representam um importante alerta quanto ao perigo dos mais diversos tipos de discursos e de “verdades” inventadas para o que é compreendido e tratado como mulher. Neste artigo, nosso foco são alguns aforismos da obra *A gaia ciência* nos quais enxergamos a *denúncia* da origem masculina de ideias atribuídas às mulheres e das virtudes femininas.

Sabemos que, na obra de Nietzsche, considerando os aforismos nos quais aparecem os termos “mulher”, “feminino” e similares, o impacto negativo para quem os lê, ao menos a princípio, normalmente é imediato. A primeira reação, em geral, é a de ignorar, rotular ou até atacar as considerações feitas pelo filósofo. Não é raro que elas sejam interpretadas como posicionamentos inaceitáveis. A exemplo disso, Ansell-Pearson compreende que:

As opiniões sobre as mulheres que encontramos expressas nos textos de Nietzsche são tanto variadas como complexas. Elas não contribuem para uma “filosofia da mulher” coerente. Revelam tendências contraditórias e preconceituosas em que Nietzsche tanto celebra a sexualidade feminina como algo poderoso e subversivo como a teme quando ela se mostra dissociada das funções sociais de criação de filhos e maternidade. (ANSELL-PEARSON, 1997, p. 195).

Não obstante, com este artigo, temos o intuito de usar outra lente, buscando no modo como Nietzsche constrói diálogos, monólogos, cenas e personagens ao longo de toda a sua obra – aqui, em especial, na aforismática *A gaia ciência* –, colaborações significativas para a análise do gênero como produto de relações de poder, uma vez que o filósofo coloca em cena o abuso da dicotomia entre masculino e feminino, mostrando que, para as mulheres, o “dever ser” tem origem na primazia da perspectiva dos homens. Assim, quando nos aprofundamos na leitura dos escritos de Nietzsche, podemos constatar que estamos diante de um filósofo que enxergou à frente de seu tempo também no que diz respeito à origem do que é feito da mulher e para as mulheres em tradições patriarcais que vigoraram até a sua época.

Para nós, os textos de Nietzsche não buscam descrever “o que é” ou o que “deve ser” a mulher – o que significaria mais um homem e mais um filósofo impondo definições, exigências, ideais, parâmetros a respeito daquilo sobre o qual ele deveria se silenciar, por não saber e não ter experiência do que é. Contudo, vemos que as cenas, os diálogos, os silêncios, as contraposições e os personagens apresentados por Nietzsche são *problematizações* do quanto as “verdades” acerca do que “é” ou “deve ser” a mulher foram construídas a partir de ideais e

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

visões masculinos totalmente voltados para si mesmos, conforme as suas necessidades, as suas fantasias, os seus limites. Assim, na genealogia desenvolvida por Nietzsche, encontramos a mulher como um produto egoístico dos homens. Queremos demonstrar, dessa forma, que as passagens polêmicas e perturbadoras do filósofo a respeito das demandas para o que é “ser mulher”, dentro de distintos contextos, de modo algum significa que ele compactue com esses pontos de vista e muito menos que defenda as afirmações que constam em seus aforismos. São outras vozes que ecoam daquilo que os aforismos nos fazem escutar, não sem incômodo e indignação.

A genealogia típica da filosofia de Nietzsche também desnuda o uso social, moral, psíquico e político da dicotomia masculina entre homem e mulher. Mesmo que os seus escritos defendam as diferenças entre os gêneros e até um antagonismo que, para Nietzsche, não pode ser escamoteado, sob o risco de ofuscar também o domínio que dele decorre², também é possível perceber neles o predomínio de uma hegemonia masculina forjando e tentando fundamentar hierarquizações e atribuições morais e de papéis para as mulheres, ao mesmo tempo em que também são enfatizadas possíveis avaliações, aceitações ou recusas por parte delas a respeito dessas imposições. Da perspectiva de Nietzsche, trata-se de ideais que vigoravam até entre as mulheres do século XIX, quando o mundo ainda era apresentado,

3. O aforismo 238 de *Além de bem e mal* traz que, no problema homem e mulher, há o equívoco da negação do “mais profundo antagonismo e da necessidade de uma tensão hostil” (NIETZSCHE, 1992, p. 143); que é avaliado como um sinal *típico* de superficialidade. Um pensador é superficial se pensa a partir deste equívoco. O modo *oriental* de pensar (conceber a mulher como posse, propriedade e destinada a servir), apoiada numa imensa razão asiática, tal como fizeram os gregos, faz com que se torne mais *rigoroso* com as mulheres (mais oriental). Isso diz de um homem “com profundidade tanto no espírito como nos desejos”, que não é superficial também num ponto mais perigoso, qual seja: no instinto. Na contracorrente da defesa da igualdade entre os sexos, o que se dá é um alerta para o perigo disso, pelo perigo da negação ou ignorância da distinção entre os sexos. A menção aos gregos (de Homero ao tempo de Péricles) e aos asiáticos é um exemplo de uma outra compreensão, já deixada no passado. Entretanto, algo que fazia parte do “crescimento da cultura e da força” e, por isso, eles se tornaram “mais *rigorosos* com a mulher” (NIETZSCHE, 1992, p. 143). Algo distinto de épocas e povos (e pensadores) que sonham “com direitos iguais, igual educação, reivindicações de direitos iguais”, os sinais, para Nietzsche, típicos de superficialidade. Pensar na mulher como igual, significaria, então, menor rigor para com ela. E se não há mais a necessidade de rigor, de atenção constante, isso se deve à inexistência do saber sobre o poder? Nietzsche estaria alertando sobre isso ser um perigo para quem? Considerar que as diferenças entre homem e mulher são relevantes, ainda que isso esteja na contramão da sagrada defesa de igualdade entre os gêneros, da perspectiva de Nietzsche não é problema. Este ensaio não objetiva desenvolver este aspecto da filosofia de Nietzsche. No entanto, para o problema homem e mulher, é importante notar para Nietzsche, reside na indistinção um sinal de maior profundidade no instinto. Passar por cima do problema homem e mulher, da distinção entre ambos, aumenta o poder de um gênero sobre outro. Mas não só, porque diz de como a própria humanidade escamoteia as condições para a criação, o potencial artístico da vida que a move para a criação.

compreendido e vivenciado principalmente com base em perspectivas que funcionavam como verdades dominantes, apesar de estas serem fruto de visões masculinas e unilaterais que monopolizavam o horizonte filosófico, científico e cotidiano. Assim, as respostas a questões do tipo “o que é a mulher”, “o que é ser uma boa mulher” e “qual o melhor funcionamento para elas” negligenciavam por completo valores, desejos e necessidades específicos do feminino.

Interessa-nos na filosofia nietzschiana, portanto, a capacidade que ela revela de dismantelar as formas tradicionais de pensar, avaliar, cobrar e viver, uma vez que traz, na configuração de cenas, nas discussões entre personagens, nas confissões e também nos silêncios, passíveis de se fazerem presentes na vida de qualquer leitora, o anúncio do caráter interessado da moral como instrumento social para forçar compreensões, sentimentos, atitudes, relações, valores e modos de existência, em detrimento de outras perspectivas que foram enfraquecidas. Interessa-nos ainda vasculhar os vestígios desse poder masculino que ainda exerce um grande efeito sobre as mulheres, minando o poder feminino de autocriação.

1. Sobre a utilidade e as desvantagens das virtudes

No aforismo 21 de *A gaia ciência*, vemos Nietzsche argumentar que o que é considerado virtude só o é por interesses sociais, em detrimento da potência de cada pessoa. Apesar disso, tendo em vista as demandas emocionais, a carência por reconhecimento e legitimação, a premência por ser virtuoso ganha força, com a colaboração de cada indivíduo. Em outras palavras, para Nietzsche, as virtudes enaltecidas pela sociedade têm uma função estritamente social e, na realidade, são impeditivas para a autoelaboração de si. “Portanto, é a natureza de instrumento que é louvada nas virtudes, quando se faz o elogio delas [...]” (NIETZSCHE, 2001, p, 70). Pelo mesmo motivo, o indivíduo virtuoso é glorificado por ser servil e útil ao meio social. As sociedades dão o título de virtuoso a todo aquele que pensa e age conforme o que é útil para elas.

Podemos dizer que Nietzsche realiza um diagnóstico psicológico da virtude. De um lado, a sociedade nos instiga a ser virtuosos e, de outro lado, mas em comum acordo, preconiza a necessidade de tornar-se virtuoso. São tramas entre forças. Cada pessoa, à medida que cede, em menor ou maior intensidade, ao seu instinto de adaptação e de aceitação, submete-se a essas demandas da sociedade e, cada vez mais, vai se satisfazendo com a sua condição, ao se limitar a ser virtuosa. Por causa disso, seria necessário:

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

perceber que as virtudes (como diligência, obediência, castidade, piedade, senso de justiça) são geralmente prejudiciais aos que as possuem, enquanto impulsos que neles vigoram de maneira ávida e violenta, não querendo que a razão os conserve em equilíbrio com os demais instintos. Se você tem uma virtude, uma plena e genuína virtude (e não apenas um impulsozinho de virtude!) – então você é *vítima* dela! (NIETZSCHE, 2001, p. 70).

A genealogia que Nietzsche opera sobre as virtudes engloba também as que são designadas à mulher – e é neste ponto que o efeito de seus escritos costuma causar um grande mal-estar. Contudo, o inevitável incômodo que pode ser sentido pelas leitoras não é culpa de Nietzsche, porque é ele quem aponta onde reside a responsabilidade pelo que denuncia. É preciso ter em mente que Nietzsche monta cenas, cria personagens, coloca-os em diálogo, ou em outro tipo de interação, e, assim, evidencia a relação entre forças/instintos, carências, necessidades, aprendizados e valores. E essa configuração de forças não é obra dele, mas provém da eficiência de um minucioso processo social fechado em si mesmo. Segundo o filósofo:

A educação procede quase sempre assim: ela procura encaminhar o indivíduo, por uma série de estímulos e vantagens, para uma maneira de pensar e agir que, quando se torna hábito, impulso e paixão, vigora nele e acima dele, de encontro a sua derradeira vantagem, mas “para o bem de todos”. (NIETZSCHE, 2001, p. 71).

Apesar disso, por aprender e crer que a virtude é desinteressada, simultaneamente cada pessoa aprende e acredita que o virtuoso é abnegado. A utilidade pública da abnegação e a crença de que, por meio dela, um bem comum é alcançado acobertam a incompatibilidade desse processo com a construção artística de si. “As pessoas louvam o homem diligente, embora ele prejudique os olhos ou a originalidade e o frescor do espírito com sua diligência” (NIETZSCHE, 2001, p. 70). Considerando o efeito que exercem sobre cada pessoa e a sua utilidade para algum tipo de funcionamento social, não há desinteresse nem altruísmo nas virtudes consideradas boas, porque nelas o que importa são os seus resultados para as sociedades (NIETZSCHE, 2001, p. 69). O alto valor social das virtudes está diretamente associado à instrumentalidade delas. Nietzsche torna perceptível que, no poder da virtude, há um enfraquecimento da singularidade, do que seria distintivo em cada espírito, pois ela é

impulso cego e dominante, que não é mantido nos limites pelo interesse geral do indivíduo; em suma: a desrazão da virtude mediante a qual o indivíduo se deixa transformar numa função do todo. O elogio das virtudes é o elogio de algo

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

privadamente nocivo – de impulsos que destituem o homem de seu nobre amor-próprio e da força para a suprema custódia de si mesmo. (NIETZSCHE, 2001, p. 70).

A vantagem e a desvantagem do valor moral do altruísmo e da sua propagação são exemplos disso. O altruísmo é uma força que direciona as pessoas a permanecerem numa rota necessária para que sigam como meio para benefício do outro. No aforismo 119 de *A gaia ciência*, Nietzsche alega ver “em muitas pessoas uma força e uma vontade extremas de serem em função; elas têm um faro apuradíssimo para todas as posições em que elas podem ser função, e para lá se dirigem” (2001, p. 144). Ele inclui as mulheres como exemplo de pessoas que se transformam em altruístas e, portanto, têm a vida desperdiçada no que diz respeito à potência para a elaboração de si. “Aí se incluem as mulheres que se transformam na função de um homem que nele era pouco desenvolvida, e dessa maneira se tornam a sua bolsa de dinheiro, a sua política ou sua sociabilidade” (2001, p. 144). Assim, aquilo que falta nos homens é compensado pelo que passa a ser encarado como função das mulheres. Mas quem atribui tais funções e como esse processo se dá? São questões como essas que escutamos Nietzsche formular e fazer com que sejam escutadas, gerando incômodo. Ele mesmo responde a elas, muito embora as suas respostas não sejam objetivas, em tom de conselho e/ou ensinamento. De todo modo, o aforismo 119 de *A gaia ciência* piora ainda mais esse embaraço, pois nesse texto Nietzsche desmascara a falta de altruísmo justamente entre aquelas pessoas que têm necessidade de viverem “em função” – que alimentam uma vontade extrema “de serem função”. Portanto, naquilo que é bem avaliado como altruísmo, o que existe são relações entre pessoas e, por meio do que é ofertado para outros organismos (indivíduos, ou até mesmo instituições), há quem se sinta importante, útil e protegido. Colocar-se em função é, portanto, conseguir se aninhar, se conformar, se encaixar. Ofertar proteção é, por sua vez, proporcionar adaptação e a importante sensação de ter sido aceito e valorizado.

Caso tal estratégia não seja suficiente, se há organismos que não conseguem se conservar por meio da utilidade e da relevância que buscam ter para outros organismos, se a autoproteção não é alcançada por essa via, eles ficam “aborrecidos, irritados, e devoram a si mesmos” (2001, p. 144). Ansell-Pearson compreende que Nietzsche “atribui às mulheres a gravidez e a criação dos filhos como tarefas necessárias que completam e preenchem sua natureza, sem o que elas se tornam indivíduos rancorosos” (ANSELL-PEARSON, 1997, p. 197). Compreendemos, no entanto, que sequer a impossibilidade de estar em função pode

alterar o assujeitamento, pois os critérios de avaliação são estritamente externos e provêm dos organismos que se colocam como definidores das funções necessárias. Assim, se não é possível estar em função, só resta a autodestruição. Portanto, o que é considerado e propagado como altruísmo nada mais é do que a mobilização exclusiva do instinto de conservação, o qual, pelo desequilíbrio no seu funcionamento (pelo excessivo valor que passa a ganhar), impede o nobre amor próprio.

Ao tornar perceptível o entrelaçamento do funcionamento da moral com o funcionamento dos organismos, Nietzsche evidencia, portanto, que a necessidade de aceitação social surge como um obstáculo para a autoelaboração. Por isso, na análise dele, enxergamos o altruísta como alguém que se despreza e passa a se desprezar infinitamente mais, se não sustentar e fortalecer outras vidas, se não for aceito e valorizado exatamente a partir desse mecanismo. Contudo, não se trata de fraqueza em essência. Podemos dizer que altruístas são produto de uma moral, de uma avaliação localizada e interessada.

A partir do aforismo 57 de *A gaia ciência*, Scarlett Marton destaca um aspecto do projeto filosófico de Nietzsche que, a nosso ver, está associado à necessidade de colocar em perspectiva o funcionamento da moral e o que pode ser visto como realidade efetiva. Para nós, é impossível interpretar esse aforismo sem levar em conta o questionamento a respeito de quais são as chances de as mulheres se autoelaborarem enquanto a moral hegemônica pregar, principalmente para elas, o altruísmo, já que somente com base nessa virtude em particular que elas podem ser bem avaliadas pelo meio social.

2. Demandas masculinas como a origem das virtudes para mulheres

O problema da invenção masculina da mulher comparece nas obras de Nietzsche tal como outros temas e problemas filosóficos – em um esforço de problematização da crença naquilo que foi criado, como se o mundo, a realidade, as verdades sempre tivessem sido e precisassem ser tais como foram forjados. É também nesse contexto que vemos os ideais, o “em si” e as demandas atribuídos às mulheres serem objeto de suas análises.

Para nós, o aforismo 60 de *A gaia ciência*, intitulado “As mulheres e seus efeitos à distância”, é uma *denúncia* de que aquilo que é atribuído à mulher não é uma elaboração feminina, já que as tradições nas quais tais construções ocorrem são totalmente masculinas. O modo como Nietzsche desencoberta o processo de elaboração de ilusões e ideais que passam a ser critérios de avaliação e de relação com a mulher tem um papel fundamental, tanto para a

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

análise das tradições quanto para evidenciar os métodos de criação de arquétipos direcionados ao sexo feminino.

Sendo assim, lemos o aforismo 60 de *A gaia ciência* como uma demarcação dos responsáveis pela exigência de determinados atributos para as mulheres. Nem de longe esse aforismo pode ser interpretado como uma reunião de ideias defendidas por Nietzsche a respeito do papel que cabe ao sexo feminino. Pelo contrário, ele é elaborado a partir do relato de um personagem sobre uma visão que tem naquele momento da narrativa: a de uma embarcação que pode ser vista à distância, carregando a paz e a tranquilidade de que ele tanto necessita. O aforismo evoca uma necessidade humana/masculina, qual seja: uma realidade complementar que, no caso, funciona como mote para a invenção da exigência de que as mulheres sejam calmas, tranquilas, para assim ofertarem a felicidade demandada pelos homens. A cena desenvolvida por Nietzsche nesse aforismo é composta por um monólogo de alguém que enfrenta “ondas que rebentam”, agitações, “gritos, ameaças, uivos, gemidos”, mas que, em meio à tormenta, consegue visualizar uma salvação:

de repente, como que vindo do nada, ante o portão desse labirinto infernal, distante apenas algumas braças – surge um grande veleiro, deslizando silente como um fantasma. Oh, que beleza espectral! Com que magia me toca! Como? Todo o silêncio e a calma do mundo nele embarcaram? Minha própria felicidade se encontra nesse lugar calmo, meu Eu mais feliz, meu segundo Eu eternizado?. (NIETZSCHE, 2001, p. 98).

O personagem se regozija com essa visão (alucinante): a embarcação clara e calma que vai surgindo no mar agitado que o atormenta. Afinal, a imagem lhe fala de algo que lhe é caro, de que ele carece, pois, no turbilhão de sua existência, do próprio mundo agitado que ele constrói e que o aflige, aquilo que ele vê à distância o tranquiliza, agrada e complementa. Ele mesmo se pergunta e procura uma resposta: “Então, o ruído me terá levado a fantasias? Todo grande ruído nos leva a pôr a felicidade na quietude e na distância” (NIETZSCHE, 2001, p. 98). Porque ele se encontra em tormenta, é a imagem da embarcação calma que lhe satisfaz. Apenas no meio do aforismo, Nietzsche revela o autor do monólogo e a correspondência entre o veleiro calmo e as mulheres. É o homem que, quando

se acha no meio de seu ruído, em plena rebentação dos seus planos e projetos, pode ver passar, deslizando à sua frente, calmos seres encantados, cuja felicidade e reclusão ele anseia para si – *são as mulheres*. Ele chega a pensar que junto às mulheres habita

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

seu Eu melhor: nesses tranquilos locais, até a mais violenta rebentação se tornaria silêncio de morte, e a própria vida seria sonho de vida. (NIETZSCHE, 2001, p. 98).

Portanto, a calma e a tranquilidade exigidas das mulheres são resultantes da orquestração do homem. O ideal das mulheres como seres serenos e mansos tem como fonte a visão dos homens a respeito delas; são fantasias decorrentes das carências deles, à medida que são resultado do seu “outro Eu”. Porque representam aquilo de que o personagem necessita, se são vistas como calmas, porque assim são desejadas, toda essa idealização do feminino ocorre para preencher uma falta decorrente da agitação e da confusão do mundo criado pelo homem – as quais provocam a violenta “rebentação dos seus planos e projetos”. Como a felicidade de que carece não pode estar presente em meio à agitação da realidade dele, o personagem do aforismo visualiza à distância uma existência tranquila, o seu socorro. Assim, *atribui* às mulheres tudo aquilo que não tem, para que elas o complementem. Ainda no mesmo aforismo, há o alerta de que somente à distância as mulheres podem corresponder ao que o homem sonha:

Porém, meu nobre sonhador, porém! Mesmo no mais belo veleiro há muito ruído e alarido, e, infelizmente, muito alarido pequeno e lamentável. O encanto e poderoso efeito das mulheres é, para usar a linguagem dos filósofos, um efeito à distância, uma *actio in distans*: o que requer antes e acima de tudo – *distância!*. (NIETZSCHE, 2001, p. 98).

Manter a distância das mulheres, já que são elas nem sempre atendem às demandas com base nas quais são idealizadas, não é uma exigência de Nietzsche. Entendemos que o distanciamento mencionado no aforismo tem a ver com o fato de que, somente a partir dele, é possível não escutar os barulhos da embarcação (ou seja, das mulheres). Sendo assim, apenas estando-se afastado pode-se sentir o efeito da ilusão necessária. Já a necessidade de trazê-las para perto, ou de delas se afastar, depende daquilo que o sonhador precisa ou repudia. Para quem está imerso na própria tormenta, as mulheres, vistas de longe, poderiam significar a calma necessária aos próprios formadores das tempestades. Mas se, “infelizmente”, aproximarem-se com seus lamentáveis ruídos, então, o recomendável é conservar a distância. Afinal, se não for tão somente para serem o “outro Eu”, o distanciamento em relação às mulheres deve ser devidamente traçado e mantido. Calmas ou barulhentas, fazendo um “alarido pequeno e lamentável”, as mulheres são desejadas ou rechaçadas, uma vez que o critério de avaliação é sempre masculino e a partir das necessidades que são próprias dos homens. Nas palavras de Scarlett Marton, o aforismo nos faz ver “que os homens sempre constroem uma imagem

idealizada das mulheres. Nietzsche chama a atenção para as dificuldades que experimentam de se libertarem das próprias fantasias” (MARTON, 2022, p. 82).

3. A inversão do poder da maternidade

Da série de aforismos em *A gaia ciência* que interpretamos como incriminação do que o universo masculino imputa às mulheres, o de número 72, intitulado “As mães”, é o agrupamento de muitas questões de gênero, entre elas: a interferência masculina no poder da gravidez; o “dever ser”, o papel da mulher; a submissão das mulheres por serem compreendidas como obra dos homens. Nietzsche faz, nesse aforismo, uma comparação entre dois tipos diferentes de maternidade: a maternidade entre as mães humanas e a maternidade entre as fêmeas dos demais animais. Por meio dessa comparação, ele acusa a cultura masculina de ser a fonte de usurpação dos poderes dos corpos capazes de gestar, parir e amamentar. Enquanto algumas fêmeas prosseguem com seus poderes próprios, outras (as mulheres) são limitadas a receber deveres. Por conseguinte, entre os humanos, para Nietzsche, a maternidade tornou-se um meio para que sejam estabelecidos deveres e obrigações para o gênero feminino.

Assim, por essa perspectiva, a maternidade transforma-se em fonte do enfraquecimento feminino. As mulheres não só ganham atribuições, como são avaliadas (e mal avaliadas) em função de como desempenham a maternidade. No aforismo 72, no entanto, Nietzsche destaca o poder que as mães de outras espécies têm ao trazerem ao mundo novas vidas e cuidarem daquilo que a elas pertencem. Desse modo, a partir da comparação entre o mundo humano e o dos demais animais, e ao invés de rebaixar o gênero feminino, Nietzsche trata da separação entre natureza e civilização de acordo com os moldes masculinos, trazendo à cena o distanciamento ocorrido entre a fêmea de outros animais e a fêmea humana. “Os animais não pensam nas fêmeas da mesma forma que os homens; para eles, a fêmea é o ser produtivo” (NIETZSCHE, 2001, p. 103). Não cabe aqui acusar Nietzsche de lançar mão do recurso de comparar o funcionamento da natureza ao funcionamento da cultura a fim de tratar de uma distância entre eles que diminui o feminino, uma vez que, para o filósofo, a essência de cada gênero estaria na natureza. No entanto, considerar o corpo significa tão somente levar em conta as diferenças de funcionamento biológico e não sobre o que cada gênero deve tornar-se. Nietzsche torna perceptível o quanto, por meio das diferenças naturais entre homens e mulheres, são demarcadas funções a partir da perspectiva de um único gênero, o masculino. Nesse sentido, outras leituras desse processo de estabelecimento de funções, que desnaturalizem os rumos

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

tomados por ele, são condição necessária para a alteração dos papéis impostos socialmente às mulheres, pois somente a percepção das relações estabelecidas podem modificar esse roteiro.

Portanto, a natureza e o corpo não são suficientes para determinar, definir esses papéis, mas são lugares que não podem ser omitidos no esforço de mapear interpretações impostas como verdades. Segundo Vanessa Lemm, o recurso ao *homo natura* não é a naturalização da sexualidade para a defesa de que a biologia seja um destino, pois isso seria ignorar “a principal tese de Nietzsche, segundo a qual a recuperação da natureza é o fundamento da transformação” (LEMM, 2022, s.p.). Assim, no aforismo 72 de *A gaia ciência*, a comparação entre o animal humano e os demais animais, hipostasiada por Nietzsche (visto que ele começa o aforismo como se soubesse como os animais pensam nas fêmeas), deve ser lida acima de tudo como uma crítica a um feito cultural civilizatório que promove o controle, tipicamente humano e masculino, proveniente de relações nas quais apenas um tem o poder de fazer elaborações a partir do seu ponto de vista.

A despeito da equiparação que Nietzsche possa estabelecer entre sexo e gênero nas imagens e comparações que usualmente faz, ele delega as divisões sociais de gênero à unilateralidade com que o gênero masculino define tudo a partir de si. Também por isso, para Kathleen Marie Higgins, “*A Gaia Ciência* apresenta uma entrada para a teoria de gênero que é genuinamente estimulante”. De acordo com ela, “Nietzsche [...] incita seus leitores a reconhecerem a contingência dos papéis e a considerarem a desejabilidade de alterá-los” (1998, p. 138 apud LEMM, 2022, s.p.).

O que vemos Nietzsche problematizar no aforismo 72 é o pressuposto de que, enquanto entre os demais animais, as fêmeas são o ser produtivo de seu reino, na humanidade, o próprio homem se colocou nessa condição. Ou seja, o que é posto em questão por Nietzsche é a escalada masculina ao poder. É em vista disso que as mulheres, ainda que sejam as detentoras do poder de renovação do mundo, são relegadas a papéis secundários, complementares, menores em relação à importância autoatribuída pelos homens e ao que alegam ser criação deles. Daí resultaria o prestígio da civilização sobre a natureza? Não é por outro motivo que vemos Nietzsche descortinar a interpretação masculina da maternidade como causa do aumento de deveres e virtudes para as mulheres – já que, culturalmente, à mulher cabe o cuidado de todos e não apenas da sua prole durante o período de amamentação. Portanto, para ela, a tarefa do cuidado é generalizada e em detrimento do cuidado e da elaboração de si.

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

É nesse contexto que, no aforismo, há a explicação de por que as mulheres se tornaram “mais brandas, mais pacientes, mais temerosas e dispostas à submissão”, enquanto as fêmeas das demais espécies “têm nos filhos a satisfação, o desejo de domínio, uma propriedade, uma ocupação [...]” (NIETZSCHE, 2001 p. 103). Se uma fêmea é submetida por não ser autorizado a ela um poder próprio, por precisar estar sempre a serviço de outros, enquanto a outra segue no poder de gerar, parir e ter a posse daquilo que gesta e pare, Nietzsche atribui à cultura (patriarcal) a desnaturalização do poder feminino. A explicação para o desencontro do elo perdido entre a fêmea mulher e as demais fêmeas é justamente o poder dos homens, os quais subtraem o poder das fêmeas humanas – em vista disso, eles se autodeclaram seres produtivos e, conseqüentemente, passam a se comportar de acordo com esse poderio de controlar suas posses e tornar as mulheres úteis à manutenção do domínio deles. O aforismo 72, portanto, faz parte do conjunto de aforismos a partir dos quais Nietzsche explica como o “sexo frágil” foi feito, por que foi submetido, por que precisa corresponder a ideais e estar a serviço dos homens – afinal, a mulher carece de avaliações favoráveis de quem tem poder sobre ela. De modo que atender ou não às demandas da cultura masculina nada tem a ver com escolhas, diferenças, forças ou fragilidades físicas corporais.

Muito embora Scarlett Marton alegue que Nietzsche, “dirigindo a atenção às mães, denuncia o caráter possessivo do amor que devotam aos filhos, pouco lhes importa que seus filhos sejam felizes ou não; o que conta é que a eles possam prodigar bondade e, por essa via, sobre eles exercer poder” (MARTON, 2021 p. 19), a leitura que fazemos do tema da maternidade, tal como expresso no aforismo 72 de *A gaia ciência*, é pelo prisma que enxerga Nietzsche alardeando o abuso civilizatório e masculino da maternidade.

Em contrapartida, numa espécie de andrologia oposta e invertida, no reino animal, a fêmea mantém seu poder, justamente por criar sua prole a partir de si, por sua prole ser obra dela e para ela – os machos, pais, no máximo, amam os filhos da amada. As fêmeas, por sua vez, têm o poder/amor pelos filhos, o que Nietzsche compara ao poder/amor do artista por sua obra. “As fêmeas têm, nos filhos, satisfação do seu desejo de domínio, uma propriedade, uma ocupação, algo que lhe é compreensível e com que se pode falar: tudo isso é amor materno, comparável ao amor do artista por sua obra” (NIETZSCHE, 2001, p. 103). Também no aforismo 376 de *A gaia ciência*, Nietzsche reitera a comparação estabelecida por ele entre o artista criador e a maternidade, considerando os artistas o tipo materno de ser humano: “Assim sentem todos os artistas e seres de ‘obras’, o tipo materno de ser humano: sempre creem, a cada

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

período de sua vida – que é fechado por uma obra –, terem alcançado o objetivo dela [...]” (NIETZSCHE, 2001, p. 279). Se considerarmos essa associação entre artistas, seres de obras, e tipos maternos de seres humanos, como supor o feminino sem obra própria, uma vez que o feminino na mulher é instrumentalizado pela *expertise* masculina na construção de um mundo próprio? O aforismo 72 de *A gaia ciência*, portanto, é sobre como a civilização (obra masculina) instrumentalizou a maternidade, criando a figura da mulher/mãe virtuosa: cuidadora, generosa, abnegada, servil. Somente assim a mulher pode ser próxima, amada, possuída pelo outro gênero.

Porém, nos perguntamos se as demandas exigidas das mulheres, a partir do seu poder de gestar e cuidar da prole, são perceptíveis; se as mulheres necessariamente teriam perdido o elo com a natureza – o poder do corpo feminino para criar; se elas se liberaram do papel secundário ao qual foram submetidas, ao precisar gestar e cuidar durante toda a vida, em prol de uma sociedade de valores masculinos. Como as mulheres poderiam passar pelo experimento de sentir a posição de poder no poder de criação? E se as mulheres tivessem em suas obras a experiência do poder?

Na naturalização da domesticação das mulheres e do dever do cuidado, estabeleceu-se também a normalização de algo socialmente desejável, esperado e ideal: que as mulheres cuidem, eduquem seus filhos para o mundo, ainda que nesse mundo todos os valores e regras sejam obras masculinas. No entanto, na comparação feita com o reino animal, foi preservada a relação entre criação, amor próprio e poder próprio entre as demais fêmeas não submetidas à cultura masculina. Ter a natureza como pressuposto deve-se à relevância dada por Nietzsche às fêmeas de preservar o poder que têm de criação – elas são os seres produtivos. Elas procriam e criam suas proles para si, enquanto as mulheres foram transformadas em procriadoras para um fim específico: atender às demandas do mundo dos homens, gerar filhos para uma sociedade edificada sobre princípios e demandas deles. Nesse sentido, das mulheres foi retirado um poder inerente a uma capacidade física, corpórea, exclusivamente feminina – a capacidade artística de criar o imprevisível. Assim, no aforismo 72, vemos que não é Nietzsche que “teme quando ela [a sexualidade feminina] se mostra dissociada das funções sociais de criação dos filhos e maternidade” (ANSELL-PEARSON, 1997, p. 195), pois, para ele, são as sociedades, as civilizações, as culturas eminentemente masculinas que inverteram a posse do poder feminino, transformando a fêmea humana em mãe cuidadora de suas criações. Por meio desse roubo, os

homens determinaram o lugar das mulheres nas sociedades: gerar e cuidar da prole segundo o que eles avaliam como útil e valioso para o mundo erigido por si mesmos.

Ainda se referindo ao problema do minucioso processo social de submissão do feminino, muito embora sem o uso dessa terminologia, o final do aforismo 72 traz rapidamente duas outras comparações provocativas. A primeira traça um paralelo entre uma gravidez espiritual e o caráter contemplativo. O resultado são as “mães masculinas”. Com isso, Nietzsche estaria se referindo à criação (masculina) limitada ao intelecto e purificada pelo parto de ideias? A segunda comparação traz um paralelo: entres os demais animais, o sexo belo é masculino. Ou seja, onde as fêmeas têm poder, quem persegue a beleza são os machos. Assim, vemos Nietzsche insinuar a submissão das mulheres por meio da exigência social de que elas persigam e mantenham em dia o zelo pela beleza.

4. Sobre a transfiguração de educar em poder de criar

Se, no aforismo 72, enxergamos a submissão que a cultura masculina promove por meio da inversão do poder da maternidade, vemos no aforismo 68, intitulado “Vontade e docilidade”, uma provocação de Nietzsche quanto ao fato de a educação ter sido imposta como obrigação para as mulheres. Por causa do que elas são capazes de fazer, tal função é motivo de discussão entre os homens, que as avaliam a partir de estarem ou não satisfeitos com o modo como se dá a realização dessa tarefa. Consideramos, assim, o aforismo 68 como uma discussão entre homens sobre as mulheres, na qual as mulheres não entram, e também por isso saem vencedoras.

Os homens discutem sobre a necessidade de avaliar as mulheres no que diz respeito à educação dos jovens e exigem que seja avaliado o “estrago” que, segundo eles, elas estariam fazendo³. Mas ainda no mesmo aforismo, Nietzsche insere um personagem que é obra das mulheres, o qual ignora os discursos dos homens sobre elas e a necessidade deles de avaliá-las – trata-se de um jovem indiferente a todo o falatório masculino sobre o sexo feminino.

Enxergamos Nietzsche no aforismo não como um dos personagens, mas como o diretor de uma cena provocativa, desconcertante e denunciadora, pois os personagens, todos homens, questionam o resultado da educação de um determinado jovem, a cargo de mulheres, que,

³ Uma interpretação específica desse aforismo pode ser conferida no artigo “Sobre o poder das mulheres no aforismo 68 de *A Gaia Ciência*”, de Adriana Delbó, publicado nos *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, p. 214-226.

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

segundo a maioria, acabaram por “estragá-lo”. Cabe ressaltar que as mulheres aparecem nesse quadro a não ser como objeto de discussão, de acusações ou de defesas feitas por homens, estes, sim, personagens únicos dos diálogos. Muitos dos homens presentes, indignados, lamentam o fato de que o jovem tenha sido “estragado pelas mulheres”. Portanto, por esse ponto de vista, a educação oferecida pelas mulheres deveria ser alterada. Por outro lado, há um sábio que, por sua vez, age como defensor das mulheres, mas nesse papel de “advogado” delas, termina por subestimá-las. Ao final, o jovem, levado para a avaliação dos presentes, não fica do lado dos homens críticos das mulheres e tampouco segue o sábio para ser sabatinado por ele. Em um silêncio indiferente em meio à conversa entre os avaliadores das mulheres, o jovem (a obra das mulheres?) permanece incólume, ainda que pudesse parecer, durante a leitura do texto, que a sua submissão às avaliações fosse ser a conclusão da cena representada no aforismo. Mas ele simplesmente se esquivava, permanecendo calado todo o tempo, e sai de cena sem prestar contas.

Interpretamos a atitude indiferente assumida pelo jovem como indicação de que as fêmeas humanas não necessariamente perdem o poder (aforismo 72). Afinal, o jovem não se coloca à mercê nem dos homens que atacam as mulheres nem do sábio que aparentemente as defende. Pelo contrário, conforme o desenrolar do final da cena, pode ser deduzido que as mulheres se utilizaram da tentativa de submetê-las, ao serem obrigadas a educar os jovens, para transformar uma obrigatoriedade em poder. Pois, no final das contas, quando o aforismo se encerra, o jovem, o objeto a ser avaliado, é o resultado do trabalho da educação feminina. E, ao se manter indiferente às preocupações e avaliações de quem tem o poder de atribuir funções, ele não estaria demonstrando que educar não necessariamente significa atender às exigências de uma sociedade patriarcal?

O que identificamos no aforismo 68 não são ideias de Nietzsche na boca dos personagens fazendo a avaliação das mulheres – se elas fazem bem a obrigação que lhes foi conferida; se elas estragaram ou não os jovens; se elas são resultado do que os homens fazem com elas. A trama que ele constrói não faz coro ao que os homens realizam. Não obstante, ela destrama fios embaralhados. No episódio que ele cria, a obra das mulheres se faz presente: um jovem educado por elas. E, por meio desse personagem, vemos que Nietzsche, além de não aparecer no aforismo como defensor dos discursos nele proferidos, ainda evidencia na discussão quem avalia bem ou mal as mulheres, quem estipula os papéis para elas. Retomando a aforismo 72, podemos ver, no aforismo 68, quem disputa poder com os poderes delas. O jovem, que ignora a discussão masculina sobre as mulheres, ao ser conduzido para a avaliação, não dá

importância sequer ao sábio. Não o segue. Não lhe obedece. Não entra na disputa, ainda que para defender as mulheres. Como obra das mulheres, compreendemos que a indiferença do jovem corresponde ao *pathos da distância* que, um pouco mais tarde, em *Para a genealogia da moral*, Nietzsche define como algo que somente quem é capaz de criar (a despeito da utilidade) pode estabelecer (“Primeira dissertação”, seção 2), porque quem é superior não se rebaixa a instrumento do inferior (“Terceira dissertação”, seção 14). Quem cria, portanto, não discute a obra, não se preocupa nem se ocupa com a avaliação dela – libera-se das discussões.

Se foram as mulheres que educaram o jovem, ao fazerem isso, elas nem se metamorfosearam nem se submeteram. Podemos dizer que elas desempenharam um poder que sequer foi concedido. Não se trata de um direito reivindicado. Trata-se de poder. Assim, a conclusão a que chegamos pelo modo como o aforismo 68 é construído, é de que Nietzsche recusa o lugar de elaborador de ideais masculinos e filosóficos para as mulheres. Longe disse, na cena que ele expõe, torna visível quem é que traça papéis para as mulheres e preocupa-se em vigiá-los, para que elas sigam sendo aquilo que é necessário que sejam. Mas naquilo que sequer se demora na cena, numa frase rápida e conclusiva para o aforismo, o poder das mulheres é notado: o jovem não segue o sábio, não se submete à sua avaliação. Assim, as mulheres, sem fazer parte da cena (do aforismo), podem ser vistas no final dele como dotadas de nobreza, de superioridade: exercitando seus poderes, sem se defenderem, sem prestarem conta, sem responderem, sem dar qualquer grau de importância às discussões dos homens sobre a obra delas.

5. Potência artística versus domínio masculino

O aforismo de *A gaia ciência* de número 59, intitulado “Nós, artistas!”, versa sobre o tipo de vínculo que artistas têm com suas obras: amor/posse. Entretanto, compreendemos que, nesse contexto, não se trata de todo e qualquer artista, mas do artista que cria a mulher e por isso a ama e a sente como posse dele. Mesma a grande consideração de Nietzsche pelos artistas, reiterada ao longo de sua obra, não resulta em escamotear que eles também sejam mobilizados pelo amor e pela posse de suas obras.

O aforismo 59 desse livro inicia-se com uma confissão, em que o artista admite a competição que trava com a natureza tendo em vista a interferência dela sobre a mulher (o que, no próprio aforismo, aparece como pertencente a eles). “Se amamos uma mulher, facilmente

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

sentimos algum ódio pela natureza, ao lembrar as repugnantes funções naturais a que toda mulher está sujeita” (NIETZSCHE, 2012, p. 91). Assim, vemos ser problematizada no aforismo a dificuldade psíquico-emocional dos artistas em relação ao poder da natureza sobre as mulheres – poder que coloca em xeque o poder deles? Como obra masculina, a mulher, ao invés de ser tão somente aquilo que os artistas inseriram nela, não deixa de ser a natureza e o poder da natureza. Portanto, mais uma vez, temos um aforismo que expõe o desejo de domínio masculino sobre a vida das mulheres e, por conseguinte, desvela a indignação dos homens pelo fato de esse domínio não ser o único.

É compreensível que, para quem está no controle de uma situação e necessita manter esse controle, não seja desejável perdê-lo. Assim, vemos que, na figura dos artistas do aforismo 59, está em jogo o sentimento de homens, artistas, filósofos, de todos aqueles que, segundo a necessidade da cultura patriarcal, buscam exercer poder sobre tudo e não se conformam com o risco de não o ter. Como poderia, então, a mulher, na posse dos homens, ainda estar sob algum efeito outro que não o efeito do masculino? Como pode seguir se manifestando na mulher o que, para o homem, pertence a ele, um poder da natureza, qual seja: o poder de criar algo novo, graças ao poder do corpo? Como o homem conseguiria suportar esse fenômeno sem sentir ódio da natureza (um poder permanentemente presente na mulher)? Considerando que o corpo da mulher, apesar de toda a tentativa de domesticação masculina sobre ele, ainda assim sangra, engravida, pare, amamenta e vive tudo isso sem o controle do homem, os artistas que pretendem ser os inventores também da mulher se sentem ameaçados pela presença incessante da natureza nela. Para Scarlett Marton, também no aforismo 59, Nietzsche traz aspectos essenciais do seu projeto filosófico, que, no caso das questões levantadas por esse aforismo, estão associados às denúncias de Nietzsche da inexistência de objetividade e neutralidade defendidas pelas filosofias dogmáticas. Nas palavras de Scarlett Marton:

Ao trazer à cena o ódio, a repugnância e o desprezo que os amantes sentem pela natureza, quando confrontados com a menstruação de suas amadas, Nietzsche chama a atenção para a dificuldade que tem o ser humano de tratar de forma desinteressada o que julga ser o próprio caráter e o entorno. Cabendo-lhes conferir sentido e valor a tudo o que o cerca e o constitui, é-lhe vedado, por sua condição mesma, lidar com processos naturais de maneira isenta. Achando-se implicado na natureza de que fala, não tem como a ela referir-se fazendo abstração dos valores e sentidos que lhe atribui. Assim a aversão às chamadas funções naturais das mulheres, que o filósofo expressa, de início, no parágrafo 59 de *A Gaia Ciência*, acaba por se converter em lance estratégico; permite-lhe mostrar quão longe de uma pretensa objetividade se põem as representações que o homem tem de si mesmo e do mundo. (MARTON, 2022, p. 80).

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

Vemos que, também no aforismo 59 de *A gaia ciência*, aparece a confissão da inconformidade masculina com o poder feminino. Isto porque, pelo efeito da natureza (*physis*) constantemente presente no corpo das fêmeas, a obra dos artistas (o objeto de amor e posse) não pode ser previsível, manejada e muito menos submetida aos desígnios do homem. Portanto, nesse aforismo, não está em questão qualquer posicionamento de Nietzsche sobre quem tem o direito de poder sobre as mulheres – se a natureza, se o homem. O problema é outro. Ele faz ecoar a indignação dos artistas em relação às mulheres, o desabafo deles a respeito da inconformidade que sentem diante da constatação de que os poderes do corpo da mulher são poderes da natureza, esta que os homens também tanto tentam dominar. Por isso, eles confessam: “Sentimo-nos ofendidos, a natureza parece abusar do que nos pertence” (NIETZSCHE, 2001, p. 96). No ódio dos artistas pela natureza, está o conflito do amor pelas mulheres, porque tal sentimento não teria efetivado a posse absoluta e o controle total delas. A natureza segue sempre interferindo no funcionamento do corpo da mulher, o que, sabemos, significa a ausência de poder da civilização sobre a natureza (e a mulher).

Podemos dizer que, graças ao entrelaçamento entre a natureza e os corpos das mulheres, e ao poder conferido a elas, o feminino na obra de Nietzsche é detentor da capacidade de criar o novo. É o feminino que pode trazer à luz o imprevisível, o que escapa do esquadro formado pela racionalidade humana; o feminino gesta a vida de maneira não controlada, nem pelas mulheres nem pelos homens. Nesse sentido, as mulheres, em vez de figurar como posse/obra masculina, não deixam de ser fêmeas, obras da natureza e capazes de um poder que só a natureza pode ter e consentir – o poder da criação. Nem por isso, vale destacar, compreendemos que Nietzsche pensa a gravidez de uma perspectiva essencialista ou como uma obrigação das mulheres de gerar filhos e terem algum tipo de poder somente se assumirem a obrigação da maternidade. Patrícia Almeida escreve sobre a imagem da gravidez em Nietzsche como transvaloração, destacando que Maria Cristina Franco Ferraz (uma das primeiras pesquisadoras no Brasil a enfrentar esse tema da mulher na obra de Nietzsche) associa a gravidez à criação artística. “Para Ferraz (2009, p.80), a imagem da ‘gravidez é geralmente utilizada pelo filósofo como paradigma de toda criação artística’ e o ‘gênero do amor (materno) tomará a forma da relação autor-obra’ (2009, p. 81)” (ALMEIDA, 2022, p. 159).

Portanto, o aforismo que tem por título “Nós, os artistas!” manifesta, nas entrelinhas, a permanência do poder da natureza no corpo das mulheres, o que faz destas as artistas mais genuínas em relação aos artistas que inventam a mulher como ideia, verdade e alma que deveria

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

ter vida na vida do sexo feminino. Por meio da seguinte queixa dos homens artistas, Nietzsche expressa a crítica constante da sua filosofia à busca de poder absoluto por meio das ideias e da moral cristã e, conseqüentemente, à desconfiança direcionada ao corpo:

Então, fechamos os ouvidos a toda fisiologia e decretamos sigilosamente para nós mesmos: “Não quero ouvir dizer que o ser humano é outra coisa que não *alma e forma!*”. “O ser humano por baixo da pele” é, para todos os que amam, um horror impensável, uma blasfêmia contra Deus e o amor. – Ora, tal como o amante ainda sente em relação à natureza e às funções naturais, assim também sentia cada adorador de Deus e sua “santa onipotência”: em tudo o que era dito sobre a natureza, por astrônomos, geólogos, fisiologistas, médicos, ele via uma intromissão em sua mais valiosa posse e, por conseguinte, uma agressão – além disso, o despudor dos que agrediam! A “lei natural” já lhe soava como uma injúria a Deus; no fundo, ele bem teria gostado de ver toda a mecânica remontar a atos morais voluntários e arbitrários: – mas como ninguém pôde prestar esse serviço, ele escondeu de si a natureza e a mecânica, o máximo que pôde, e viveu num sonho. (NIETZSCHE, 2001, p. 97).

Tudo aquilo que contradiz esse sonho, que não se dedica a realizá-lo, causa horror a quem pretende ser o artista da mulher. Pelo mesmo motivo, vemos no aforismo os homens temerem que seu amor pela mulher (obra que eles julgam ser deles) seja em vão, porque não resulta em posse. Ao amar as mulheres, eles tentam possuí-las, defini-las, cerceá-las, mas a natureza está sempre mostrando seu poder maior. Não obstante, a respeito do amor como posse, devemos voltar um momento para o aforismo 72, já tratado anteriormente, quando Nietzsche traz à tona o amor materno, comparando-o ao amor do artista por sua obra. Naquele contexto, o amor que as artistas (fêmeas não humanas) têm por sua obra decorre do prazer da criação para si, a despeito da avaliação que será feita da obra e da utilidade pretendida para ela. As e os artistas nos escritos de Nietzsche se diversificam. No caso do aforismo 72 de *A gaia ciência*, como vimos, a obra das fêmeas corresponde às criações que não estão obrigadas a suprir expectativas ou demandas de outrem. Portanto, entremeado com a leitura de outros, o aforismo 59 nos ajuda a compreender que Nietzsche distingue a obra que as mulheres são capazes de criar da obra mulher e da mulher tramada pelos homens.

6. As artistas de si

Se no aforismo 59 de *A gaia ciência*, a natureza provoca ódio nos homens que criam/amam/possuem a mulher, e tal sentimento faz com que seja preferível, como na citação acima, esconder “de si a natureza e a mecânica”, para viver “num sonho”, no aforismo 335 da mesma obra, vemos a construção de uma imagem oposta – do convite a um entusiástico sim à

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

física. Por comparação, por percepção de movimentos passíveis de se darem entre os aforismos, entendemos que, para Nietzsche, se o que se pretende é a elaboração de si, é tornar-se artista de si, em vez de se conformar ao resultado de demandas outras, faz-se necessário dirigir a atenção à mecânica que age nos corpos e na relação entre eles.

Nós, porém, queremos nos tornar aquele que somos – os novos, únicos, incomparáveis, que dão as leis a si mesmos, que criam a si mesmos! E para isso temos de nos tornar os melhores aprendizes e descobridores de tudo o que é normativo e necessário no mundo – temos de ser físicos, para podermos ser criadores neste sentido – enquanto até agora todos os ideais e valorações foram construídos com base na ignorância da física ou em contradição a ela. (NIETZSCHE, 2001, p. 225).

A interpretação do aforismo 335 compõe o entendimento do que em Nietzsche são essas as condições para quando “*queremos nos tornar aquele que somos*”, um processo distinto de nos adequarmos de acordo com o que é normativo, útil e que, só por isso, recebe avaliações favoráveis.

Podemos dizer que, no aforismo 335 de *A gaia ciência*, temos um pouco de acesso ao que significa, na filosofia de Nietzsche, um imenso complexo em torno das questões sobre “o que somos” e “tornar-se aquele que somos”. É notório no aforismo que “aquele que somos” não significa o que foi feito de nós, o que foi concluído ou ainda está em curso para responder ao que é convencional, o que é aceito, elogiável, desejável, socialmente útil. “Aquele que somos” não passa por aquilo que é – aquilo já alcançado pelo poder da sociedade sobre nós (já definido, nomeado, compreendido, resultado de planejamentos, de concatenações, de demandas racionais). “Aquele que somos” remete ao que ainda não é, ao porvir, ao *dever*, ao distinto, ao singular, que se elabora e cria leis e ideais para si. Em outras palavras, o acesso mínimo a “aquele que somos” depende de engravidar-se de si. Todavia, a força para tanto requer não perder de vista a força do que é “normativo e necessário ao mundo”, pois aquilo que já foi alcançado e autorizado é por ter sido bem avaliado e, portanto, seguirá sendo exigido, porque é útil – no máximo, pode passar por revisões, se já não for mais tão útil. Lembremos das mulheres do aforismo 72, que, na avaliação dos homens, precisam ser reeducadas para que reeduquem melhor os jovens.

Exatamente porque há distanciamentos entre “o que somos” e os movimentos de “tornar-se aquele que somos”, a mecânica entre ambos precisa ser considerada, visto que “naquilo que já é” atuam muitas forças – do consentimento, das avaliações favoráveis, dos

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

afetos, da moral que molda, da psicologia que dá reforços, de todas as forças que cuidam da construção de um indivíduo útil e da preservação dele.

Relembrando o aforismo 21 de *A gaia ciência*, no qual a virtude vincula-se ao cuidado daquilo que precisamos ser, a partir do aforismo 335 vemos o oposto: uma contraposição entre o artístico e a moral. Se a preservação depende da moral, a criação precisa lidar com forças anteriores, desconhecidas e incontroláveis, porque o que é singular, único, individual, incomparável não é abarcado pelo que é consensual. Daí a importância de acesso às forças que se mobilizam no corpo e através do corpo, o que, no aforismo 335 de *A gaia ciência*, pode ser imaginado através do alerta para a necessidade de “ser físicos, para podermos ser criadores neste sentido” – visto que, “até agora todos os ideias e valorações foram construídas com base na ignorância da física ou em contradição a ela” (NIETZSCHE, 2001, p. 224-5).

O termo “física” é utilizado por Nietzsche em destaque, o que, nesse caso, não deve ser lido como uma sugestão de adesão cega à ciência, mas diz respeito muito mais à necessidade de tornar-se apto para fazer a genealogia das forças mobilizadoras daquilo que exerce poder, inclusive naquilo que já está em movimento. Não se trata da recomendação de ter a física como uma ciência para o controle e a normatividade do ato de se elaborar. Trata-se muito mais de reconhecer que as forças se relacionam e operam nas manutenções, transformações, transfigurações, criações, construções, vazões e intercepções da construção humana de si. Assim, se os homens inventaram a mulher, é por terem sido artistas de uma obra válida e útil para eles. Entretanto, para a e o artista de outra obra, artista de si, uma outra força se faz necessária, qual seja: a da transvaloração, poder artístico para a elaboração de si. As forças da necessidade de preservação não são idênticas às forças que dão vazão às criações. Tomar posse/dominar é distinto do poder de criar. Daí a importância de acesso às necessidades que mobilizam as forças de cada uma dessas tendências.

Podemos dizer que a física realiza a psicologia das forças, demonstrando-as, colocando-as em relação. Enquanto a força da lei, da moral, das instituições, da psique cuida, mantém e protege o que já foi conquistado, o novo é trazido pela atuação de outras forças. É neste sentido que a física, como consideração das forças e das alterações delas por meio de outras forças, precisa ser acionada.

Ignorar as forças mobilizadoras de nossas valorações (dos ideais, das morais, das instituições, dos discursos, das necessidades disso tudo), ou contradizer tais forças, iludindo-se e enganando-se a respeito delas, significa, a partir da perspectiva de Nietzsche, a ausência de

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

lisura para consigo e para com o mundo criado e mantido por meio das apreciações. Crer na neutralidade é uma forma de desonestidade. Em vista disso, compreendemos que, no que diz respeito às experiências de “tornar-se aquele que somos”, Nietzsche propõe um louvor à física – “Viva a física! E viva sobretudo o que a ela nos *compele* – nossa *retidão*” (NIETZSCHE, 2001, p. 225). Tal louvor deve-se à necessidade de se ater às forças que operam, aos impulsos que movimentam, aos afetos que atravessam. Assim, *criar* é posto como algo muito além de simplesmente reagir ou não às forças já instauradas. “Tornar-se aquele que somos” significa liberar-se para o cultivo de forças mais próprias⁴, uma vez que forças, ímpetos, afetos que mobilizam as criações são condições para que estas surjam. Do contrário, todos permanecerão sendo tais como foram forjados, seguindo a ordem do racionalizado, estudado, administrado, previsto e controlável. Não obstante, para Nietzsche, o impulso à criação não se confunde com o seu o controle, com a tentativa de mantê-la presa às teorizações e moralidades que lhe digam respeito. Sua ode à física (à relação entre as forças, ao acesso a tais relações) expressa uma honestidade que abala a crença na imparcialidade, na fidelidade ao mecanicismo daquilo que já foi erguido e à sua imutabilidade. Isso sim seria enfraquecer a idolatria do resultado, desmantelar a fixação na obra já aceita, investindo em sua manutenção, cultivando sua preservação e quem assim a fez.

Enquanto, no aforismo 335 de *A gaia ciência*, é recomendada atenção para os conflitos inevitáveis da relação de forças de manutenção e de criação de si, no aforismo 369, é ressaltado o poder dos artistas que não ficam à mercê das avaliações, sequer das próprias (e, portanto, não têm sua criação travada pela força do consentimento nem das avaliações favoráveis). No aforismo, essa capacidade é comparada ao poder da maternidade:

⁴ Em *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*, na quarta parte, “Do homem superior”, seção 11, por meio do personagem Zaratustra, Nietzsche diferencia o egoísmo do próximo (atormentador de todos, para que seja sempre o próximo o critério de tudo) ao egoísmo do artista, que deve ser o mesmo que o egoísmo da mulher grávida: “Em vosso egoísmo, ó criadores, está a prudência e a providência da mulher grávida! Aquilo que nenhum olho viu, o fruto: esse é protegido, preservado e nutrido por vosso amor” (NIETZSCHE, 2011, p. 276). Ele põe em questão a ideia do próximo – “não vos deixei persuadir, induzir, pois quem é próximo?”. O valor dado ao próximo é questionado para ser diminuído. E, para tanto, algo se fortalece: a elaboração de si, o valor dessa elaboração. É para o bem do vir a ser (o filho) que a gravidez se dá e não para o próximo. Mais uma vez ocorre a associação dos artistas criadores com a mulher grávida – a prudência e a providência devem ser as mesmas entre ambos. É o que não foi visto (controlado, planejado, dominado por expectativas; avaliado em vista das expectativas), o que está dentro da gravidez, que deve ser cuidado, nutrido pelo amor da mãe/do artista criador e não pelas demandas de todos que aguardam e querem tomar posse da obra. A virtude está no amor pelo filho (o filho compreendido como obra; si mesmo; vir a ser), por aquilo que virá, pelo que está em curso, em obra, e não no que é autorizado e ficou pronto por atender ao que o próximo requer. De modo que o próximo que precisa ser ouvido é a própria obra, a vontade do artista. Todos os demais próximos são “falsos valores”.

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

Alguém continuamente criador, uma “pessoa-mãe”, no sentido maior da palavra, alguém que sabe e quer saber apenas das gravidezes e dos partos de seu espírito, que não tem tempo de refletir sobre si e sua obra e de fazer comparações, que já não pretende exercitar seu gosto e simplesmente o esquece, deixa-o por si, deixa-o estar ou cair – talvez esse alguém, por fim, produza obras à altura das quais já não se encontra seu julgamento [...]. (NIETZSCHE, 2001, p. 271).

Eis o que identificamos em Nietzsche como gravidez de si: um poder, para ele, artístico e feminino, da pessoa-mãe, poder de artista que se engravida de si e pare a si mesmo.

Conclusão

Neste artigo, reunimos oito aforismos de Nietzsche da obra *A gaia ciência* para tratarmos do que *compreendemos* como diferenciações traçadas por ele entre quem precisa tentar forjar a mulher e a potência feminina que a libera do poder da forja. É em vista disso que defendemos a importância de *entender* que Nietzsche, ao fazer uso da palavra “mulher”, não se coloca contra as mulheres, mas contra o processo de invenção da mulher por parte de uma perspectiva exclusivamente masculina. É nesse processo, por exemplo, que ficam escondidos os subsolos da construção de virtudes que, graças à força que lhes é própria, enfraquecem as chances de desenvolvimento de singularidades, de *devir*, de criação de novas experiências e formas de vida.

Ao traçar tais diferenças, os aforismos de Nietzsche perturbam. Quem fala nos aforismos? A resposta não necessariamente está em cada um deles, porque cada um não é a resposta para os incômodos inevitavelmente proporcionados. Os aforismos não podem ser considerados textos completos, absolutamente independentes, sem relação entre si, sem qualquer correlação possível com outras partes que compõem uma trama maior, emaranhada e desemaranhada por Nietzsche ou pelas leitoras. Os aforismos não são como textos completos da tradição filosófica, que pela trama argumentativa interna pretende proporcionar convencimento. As perspectivas em cada um não geram a tríade entendimento, satisfação e concordância. O desconforto provocado pode ter outros efeitos, que escapam à racionalidade interna alcançada pela leitura do que está escrito. Há o que não está escrito e que merece muita atenção, porque nisso há muitas decorrências.

Nota-se nos aforismos de *A gaia ciência* reunidos aqui que Nietzsche não se ocupa em elaborar ou reelaborar quaisquer teorias, conceitos ou avaliações sobre e o que é a mulher, ou a respeito do que deveria ser a mulher. É desse modo não linear e não explicativo que se destacam as problematizações apresentadas por Nietzsche em torno das interpretações

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

masculinas do feminino, a fim de trazer à realidade a mulher da imaginação e da necessidade que é própria delas. Se nos limitamos a considerar que Nietzsche fala e defende tudo o que está contido nos aforismos, deixamos de enxergar o que é mais característico da sua filosofia: realçar quem cria, quem inventa, quem se coloca com poder e em quais condições e tramas tudo isso ocorre. No papel de portadora de uma essência e dever, a mulher só existe como resposta às necessidades de cabeças masculinas. Por isso, por vezes, ela nem comparece no aforismo, sendo sinônimo apenas de demandas das necessidades alheias (no aforismo 68, por exemplo). Por que, então, nos enxergamos ou nos inserimos nos aforismos, quando neles há somente homens falando sobre as mulheres que eles precisam que existam? O que se faz notar é o acoplamento de virtudes nas mulheres, tais como o altruísmo, a generosidade, a servilidade, para que se faça possível o reconhecimento da utilidade e da importância delas por parte de quem as avalia. Afinal, para que mais servem as virtudes senão para tornar útil quem as pratica (aforismo 21)? Mas qual é a autoavaliação das mulheres, sem os critérios masculinos de avaliação? Quais são os outros critérios? Eles existem? Se a personalidade, o humor das mulheres, bem como a possibilidade de manter proximidade com elas ou a necessidade de estabelecer distanciamento delas (aforismo 60), têm sempre um homem como responsável por sua validação, quando e como as mulheres se olham e se pensam com sentimentos mais próprios? Se tais questões emergem das interrogações levantadas por Nietzsche, ora nas linhas, ora nas entrelinhas dos aforismos, elas não se devem à atribuição de um traço natural da mulher para a submissão, mas ao fato de o artista de ferramentas necessitar controlar aquilo que produz, uma vez que essa criação precisa servi-lo (aforismo 59). Não há neutralidade na associação estabelecida entre a mulher e a necessidade de comportamentos “típicos” femininos (brandura, tolerância, generosidade, cuidado de todos). Nietzsche é direto: isso resulta do processo civilizatório que extrapola o par, no máximo inicial e contingente, entre maternidade e cuidado, generalizando a necessidade do cuidado, introduzindo utilidades sociais egoísticas na maternidade, convertendo assim um poder específico em obrigação, exploração e aprisionamento. Todavia, se o reino masculino aparece sempre como aquele que busca o domínio e, portanto, o poder também sobre o feminino, não deixa de ser exposta a tensão entre essa ânsia masculina pelo poder e o poder apenas feminino de criação do novo (aforismo 72). Portanto, a fonte de virtudes para as mulheres localiza-se nas lacunas do gênero oposto. E se é oposto (e perigoso), como a reivindicação de igualdade entre homem e mulher poderia, para Nietzsche, se justificar? Se entre quem cria e, por isso, ama o que cria e quem precisa dominar, para manter seu mundo de

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

acordo com o que fez, há uma hierarquia, como Nietzsche poderia ser condescendente com o problema da inserção da mulher na fábrica masculina da civilização? Compreendemos que é também em relação a esse problema que Inês Bueno Krahe e Sonia Regina da Luz Matos, em maio de 2010, durante o V Congresso Internacional de Filosofia e Educação (CINFE), fizeram a seguinte observação:

Nietzsche, talvez, ironizasse em seus aforismos, fragmentos e sentenças dessa relação binária, sexista produzida nas teorias científicas modernas de sexualidade e gênero que já eram muito presentes em sua época. Nesta ironia, percebemos um tom de denúncia, de alerta em relação aos encaminhamentos que os movimentos feministas, sexistas e moralistas estavam se direcionando: sufocando o devir-mulher; a diferença. (KRAHE; MATOS, 2010, p.7).

Mas Nietzsche não criticava só a tradição vigente em sua época. Ele também expunha as limitações das dicotomias e das essencializações no centro do problema e, nesse sentido, teorias e perspectivas inovadoras, e até mesmo feministas, não necessariamente significam condições para o cultivo do devir-mulher.

Se há aforismos que são compostos por cenas e/ou diálogos nos quais os homens declaram, sem constrangimento algum, que são os responsáveis por expectativas e padrões de avaliação das mulheres (aforismo 68, por exemplo), por contraposição, há também aforismos nos quais surge a equiparação nietzschiana entre artistas e o tipo materno de ser humano (aforismo 376), bem como entre artista de si e pessoa-mãe, alguém continuamente criador (aforismo 369). Assim, a interseccionalidade entre a capacidade de criação artística e o feminino eleva esse gênero em comparação com o masculino, cuja intersecção é feita com o artista que se opõe à natureza (aforismo 59) e tenta transformar o feminino em obra sua – sua mulher, sua posse, sua amada, a mulher virtuosa que, para ser bem avaliada, precisa passar pelo seu crivo. Quem somos nós quando lemos os aforismos de Nietzsche e nos incomodamos com os personagens masculinos maquinando certos tipos de mulheres? Nos identificamos com esses tipos e por isso permanecemos paralisadas ou indignadas diante do que sentimos?

Apesar de todo o incômodo provocado – porque, no caso de leitoras, pode parecer que é sobre elas que tudo aquilo está sendo escrito –, as cenas desconcertantes, os discursos provocadores, as imagens que trazem outras imagens, transformadoras, proporcionam deslocamentos. São muitas perspectivas inaceitáveis, mas em pleno funcionamento, talvez até mesmo em nós mesmas. Nos oito aforismos aqui trabalhados uma das principais questões destacadas foi: de quem são as perspectivas?

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

A mulher e as mulheres não necessariamente são a temática mais elementar dos aforismos nos quais elas também aparecem. Fizemos notar que a crítica à cultura (como feito masculino) em alguns aforismos é o tema mais central, ainda quando a crítica (aparente) possa ser à mulher e às mulheres. Como explica Scarlett Marton:

defendo a tese de que suas considerações sobre as mulheres não têm um lugar marginal em sua obra; elas não se reduzem a preferências pessoais e, menos ainda, a desvios eventuais. Bem ao contrário, inscrevem-se em sua empresa filosófica. É por essa razão que me empenho em relacioná-las com temas centrais do seu pensamento, como o perspectivismo e o experimentalismo, a crítica da metafísica e a luta contra o dogmatismo, a psicologia e a tipologia, os espíritos livres e os filósofos do futuro, a vontade de potência e a noção de força, o eterno retorno do mesmo e o *amor fati*, as ideias modernas e a *décadence*. (MARTON, 2022, p. 16).

No caso da leitura que fizemos dos aforismos 21, 59, 60, 68, 72, 119, 335 e 369 de *A gaia ciência*, podemos apontar o que neles enxergamos como mais propriamente nietzschiano: a exposição das perdas decorrentes do poder dos ideais forjados por culturas masculinas. Mas nesses aforismos prevalece também a ideia de um poder da natureza que não se esvai totalmente. A natureza não é vencida pela cultura. Na ideia de amor materno das fêmeas por suas crias, de insatisfação dos artistas homens em relação às mulheres, de inconformidade pela obra deles não ser totalmente dominada por eles, a cultura masculina é analisada como uma tentativa frustrada de domínio sobre a natureza. Dupla insatisfação para os homens masculinos. Se pode soar incômoda a ideia de amor/posse das fêmeas por suas crias (aforismo 72), o aforismo 59 trata de uma relação semelhante, entre amor e posse, mas por parte dos homens, artista modelador da mulher (ideal de mulher), em permanente busca por domínio. Mas como, para o masculino, o domínio é naturalizado, pode parecer estranho às leitoras e leitores perceber a atribuição de poder às fêmeas. Considerando as determinações que o mundo masculino tenta impor às mulheres – de procriarem para fins específicos e de adotarem uma série de obrigações e ideais (aforismo 68), inclusive o de se tornarem “mais brandas, pacientes, temerosas e dispostas à submissão”, tal como problematizado no aforismo 72 –, o ódio dos homens pela natureza (aforismo 59) se justifica na percepção deles de que, quanto mais as mulheres têm vínculo com ela, menos elas são obras deles. A natureza estende seu poder de criação do novo às mulheres. As mulheres encarnam a natureza na cultura, a chance de que a cultura não obstrua a natureza. Os homens seguem na luta por domínio. Também por isso eles carecem de domínio sobre as mulheres?

Interpretação a respeito da mulher na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche |

Adriana Delbó; Juliana Mamede

O deslocamento da perspectiva feminista (reinvidicação de igualdade com o gênero masculino, por exemplo) pode ter em Nietzsche um aliado à medida que, na obra dele, encontramos na genealogia das virtudes para as mulheres a hegemonia da perspectiva masculina. Combater o uso e os abusos das relações binárias construídas pelo universo masculino é um passo para o desmantelamento da tradição que vigora e solapa perspectivas outras que não a patriarcal. Nesse sentido, podemos dizer que a colaboração de Nietzsche para um feminismo mais contemporâneo é comparável à sua contribuição para a transvaloração dos valores ao realizar a genealogia da moral.

Referências

ALMEIDA, Patrícia S. Bagot de. *Nietzsche, a mulher e a igualdade*: contribuições à teoria feminista. Uberlândia: Culturatrix, 2022. (Publicações Acadêmicas).

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político*: uma introdução. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DELBÓ, Adriana. Sobre o poder das mulheres no aforismo 68 de *A Gaia Ciência*. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, Dossiê II Encontro do GT Filosofia e Gênero, v. 39, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/191683>.

KRAHE, B. Inês; MATOS, Sônia Regina da Luz. Devir-mulher como diferença. In CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 5, 2010, Caixas do Sul (RS). *Anais...* Caixas do Sul (RS), 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/devir_mulher.pdf. Acesso em: maio 2022.

LEMM, Vanessa. *Homo natura*: Nietzsche, antropologia filosófica e biopolítica. Trad. David de Conti. São Paulo: N-1 Edições, 2022-2023 (no prelo).

MARTON, Scarlett. *Nietzsche e as mulheres*: figuras, imagens e tipos femininos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Filô).

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.